



**Entrevistador: Caio Simões de Araújo**

## **EPISÓDIO 8 - O ARQUIVO É O FUTURO: uma conversa com Pamina Sebastião**

**Nesta conversa eu tenho o prazer de falar com Pamina Sebastião. Pamina é artista visual multidisciplinar, que mistura seus textos e usa seu corpo para uma discussão sobre a colonialidade no contexto do Luandense, em Angola. Hoje nós falamos sobre o seu trabalho no contexto do activismo LGBTIQ em Angola, incluído a criação do AIA, o Arquivo de Identidade Angolana, e mais recentemente a sua experimentação com a linguagem da arte visual através do seu projecto “Só Belo mesmo”.**

**Pamina, seja bem-vinde ao Podcast.**

Obrigade.

**Vamos começar falando sobre o arquivo. Como é que foi criar o arquivo? Como é que aconteceu? Eu sei que foi um projecto coletivo, com várias pessoas estiveram envolvidas na criação, mas eu gostava de ouvir a sua narrativa.**

Para falar do arquivo eu tenho que contar um pouco sobre o que é o contexto LGBTIQ em Luanda. A criação do movimento LGBTIQ em Angola, de coletivos LGBTIQ, teve um histórico parecido com muitos outros contextos regionais, que é um histórico influenciado por projectos ligados ao VIH. É mais ou menos no âmbito deste tipo de projeto que se começou a fazer uma criação mais direccionada para o que viria a ser o primeiro coletivo LGBTIQ local, que no caso é a ÍRIS Angola.

Claro que, antes disso, já existiam pessoas gays, mas os projectos ligados a populações-chave do VIH veio a ter um efeito direccionador no sentido de exigir uma estrutura organizativa diferente.

Naquela altura, eu me identificava com uma pessoa bissexual, e eu não sentia que havia espaço de fala ou agendas concretas para pessoas bissexuais. E também achava que não havia muito espaço para os “LIQ”, isto é, lésbicas e pessoas intersexo e queer. E mesmo para “T”, para as pessoas transgênero, apenas mais ou menos. Então foi mais ou menos neste contexto que o arquivo surgiu, de uma necessidade de buscar outras experiências.

O registo histórico começou a ser buscado com um ideal extremamente político no sentido de dizer: qual é o nosso posicionamento político em relação à luta LGBTIQ em Angola? Que era também algo que eu sentia muita falta ao longo do meu contacto dentro do activismo LGBTIQ cá. Eu sentia muita falta de espaços de questionamento. Nós falávamos já de género, mas apenas coisas muito básicas. Eu não via espaço para questionar porque as coisas eram como eram. Então nós decidimos criar um site, e foi um processo tão bom criativamente. Criar um site: o que vai num site? Nós traduzimos uma ou duas coisas do *Queer African Reader*, tinha algumas coisas da Zanele Muholi, tinha um manifesto, e depois tinham os vídeos, o “Hora de Dar a Cara”. E foi aí que eu conheci a Líria de Castro, que hoje é a diretora do arquivo. E mais ou menos foi aí que as coisas começaram a tomar a proporção que tem mais ou menos hoje: em que encontramos um espaço, e conseguimos identificar áreas concretas para podermos trabalhar, que era a criação de conteúdo. Mas era a criação de conteúdo específico sobre o género e sexualidade.

Então o arquivo começou com esse registo quase de tentar explicar três tempos. A parte dos livros, das traduções, tinha a ver com o desconstruir o mito de que a homossexualidade não é africana. Ou seja, tinha a ver com o resgate histórico do passado para mudar a narrativa do presente, a narrativa LGBT-fóbica, a narrativa da questão identitária africana que nos coloca fora. Ao mesmo tempo, o arquivo trazia a ideia de preservação do presente. Quais são as questões e as problemáticas das pessoas LGBTIQ de hoje? Esse conteúdo era feito em diferentes formatos, mas era sempre um conteúdo em que se navegava no passado e no presente. Eu não sei se nós estávamos a navegar muito no futuro, ou na possibilidade do futuro, mas talvez a existência do arquivo fosse exatamente isso, navegar no futuro. O resgate era o passado e o presente. E o arquivo é o futuro. Mas quando digo futuro, estou a falar de próximas gerações, de um outro tipo de activismo, esperemos. Uma geração que possa conciliar as vivências que foram preservadas e registadas, e assim continuar a construir uma narrativa que nos preserve. O arquivo então surgiu muito nesse lugar de navegar o passado e o presente, com um ideal do futuro. Mas é mais do que isso: é conseguir dizer que nós existimos.

**E por que um arquivo? Por que não uma outra forma de organização? O que é que havia nessa ideia de arquivo que despertou o teu interesse? E de onde ela surgiu?**

Já não me lembro quando é que foi, só lembro-me de ter visto um documentário sobre um arquivo lésbico, que depois eu tive a oportunidade de ir a Brooklyn, em Nova Iorque, e visitar. E eu lembro-me de ter ficado admirado. Naquela altura, igualmente como hoje, me incomodava que o trabalho comunitário que fazíamos era como se fosse um trabalho invisível. O que nos era

solicitado eram números concretos, alcances concretos, coisas concretizáveis. As atividades de empoderamento, os encontros que se faziam, eram feitos dentro do que era o alcance do que o doador pedia. Então o arquivo surgiu quando começamos a perceber que o conhecimento que nós criamos durante a nossa existência, convivência, ou quando construímos a nossa comunidade, também é importante e deve ficar registado. Hoje, eu acho que é uma postura de questionamento da colonialidade do saber, e que surge com o ideal de “eu quero existir”. E quero que o que eu digo na minha convivência diária também seja tido como conhecimento. E essa batalha continua.

Então o arquivo tem esse potencial de registrar como é que nós nos reuníamos, porque é que escolhemos aquela forma de reunir, como é que era feita a criação de comunidade. Tudo isso fala sobre a nossa criação de conhecimento. O potencial do arquivo é deixar o nosso conhecimento dentro do que foi a nossa construção de comunidade. Quando eu visitei o arquivo lésbico em Brooklyn, aquilo me tocou. Porque eu conseguia ver, beber da experiência que aquelas mulheres lésbicas tinham vivido ao fazer mobilização, ao fazer comunidade. E eu conseguia beber porque alguém conseguiu ver o valor daquele conhecimento, daquela experiência, e registrar. E foi aí que eu percebi o potencial do arquivo. E nós somos um arquivo por isso, porque temos uma multiplicidade de registros, registros de como o nosso amor acontece, registros de como a nossa criação de comunidade acontece, registros da nossa existência. Mas o mais importante é que é uma existência que cria conhecimento na sua vivência.

**Depois de vários anos no activismo LGBTIQ você decidiu migrar para as artes. Você criou o seu projeto “Só Belo Mesmo”, que envolve uma série de intervenções artísticas. Como é que foi esse processo de transição entre do activismo para as artes visuais?**

Foi um processo de cura. Porque um dos meus primeiros questionamentos sobre o activismo surgiu com a “ONGização” dos coletivos. Porque para a criação de um movimento em que temos que ainda fazer um processo educativo tão grande, ou de reeducação em muitas coisas e de consciencialização, não me parece que criar estruturas que exijam competências técnicas e organizativas específicas seja a melhor maneira. Para além de que essas estruturas têm a tendência de enxugar muito tempo, mais do que criar tempo para nós fazermos esse processo de consciencialização e de educação. Então esse incômodo começou já desde muito tempo, e ele foi surgindo com maior intensidade quando eu comecei a fazer um processo de aprendizagem para submeter fundos. E daí surgiram várias dinâmicas que eu fui aprendendo com os doadores. Foi nesse combinado de coisas que ocorriam ao longo do tempo, que esse processo de “ONGização” começou a martelar muito na minha cabeça. Seja porque cria dinâmicas de ativistas estrelas, de quem é que vai ser o representante do activismo em Angola, de quem é a organização chave em Angola; ou porque cria exigências de competências técnicas que ao longo do tempo não permitem um coletivo crescer. Então eu comecei a ter esses incômodos todos e, honestamente, comecei a não gostar muito da pessoa que eu estava a me tornar dentro do activismo. Então eu me retirei. Apaguei meu Facebook, apaguei meu instagram, e saí dos coletivos.

E o “Só Belo” surge como um projecto nessa fase. Eu escrevo há muito tempo, e nunca tinha percebido a potencialidade de me escrever. Numa dada altura, eu fui passar um dia em casa de uns amigos meus, e escrevi um texto de uma única rajada. Foi assim que o projeto surgiu, com uma pergunta: “e se fosse só belo mesmo?”. Parecia que o texto só estava a falar de beleza, mas tinha nuances sobre questões de género, sobre questões raciais, sobre questões de classe. E pela primeira vez num texto eu me escrevi toda, tinha me escrito toda. Foi aí que eu comecei a perceber melhor. Mas ainda não eram processos de cura. Eram ainda processos de reflexão. E eu digo, se calhar como uma pessoa viciada no activismo, era quase uma extensão ativista. Nesta altura eu ainda não tinha largado os coletivos. Quando eu finalmente saí dos coletivos, viajei. E depois comecei a escrever. Nem era um projecto, nem era nada, que eu achasse que fosse ser isso que é hoje. Então esse processo dessas escritas foi o que começou a ser o meu processo de cura. E eu lembro-me que a Conceição Evaristo tem uma designação bem fixe, “escrevivências”, né? Tipo, eu escrever a minha própria vivência. Eu adoro este termo. E eu escrevi pela primeira vez a minha própria vivência.

E naquela altura eu já tinha feito as fotos do meu nu. Eu havia engordado muito, e a exaustão do activismo foi uma das razões principais, por causa do desgaste mental, desgaste físico, e muitas outras coisas em simultâneo. Então eu havia feito essas fotos do meu nu, neste projecto que chamava-se “me falaram gorda”. E ele vinha um pouco da experiência de que, desde que eu tinha engordado, vários questionamentos surgiram, relativos a questões de cuidado, de como é que nós pensamos o bem-estar, como é que nós exigimos o corpo ideal ligado ao ginásio, e também ligado a questões de classe. Como é que isso funciona? Quem tem dinheiro para pagar ginásio? Então eu construí um site, que vinha deste orgulho das fotos e do orgulho da escrita. E hoje tem um monte de coisas, hoje tem uma segunda série que é o “Estando”.

### **E o que é o Estando?**

O “Estando” foi esse processo de pensar: então como é que um corpo como o meu habita? Como é que eu estou? É uma pergunta que pode parecer parva de se fazer, mas é bastante profunda. Nós não fomos ensinados para estar conosco mesmos, para não fazer nada. Desde a infância, quando uma rapariga não está a fazer nada, é porque alguma coisa está errada. Sempre existiu esta pressão, tu como rapariga tens que estar a fazer alguma coisa. Claro, isto tem a ver com a constituição dos nossos papéis de género, etc. Então eu me perguntava: como é que isso nos priva de nós alcançarmos as nossas potencialidades em outros lugares? Por exemplo, se eu não tivesse decidido entender ou limitar essa urgência de fazer, eu acho que não estaria nesse momento criativo que estou na minha vida. Então eu acho que há dois momentos no meu projeto. Primeiro é eu falar: então como é que o meu corpo foi construído? Quem é que construiu? O que é que influenciou essa construção? Que impacto é que essa construção teve? E eu falo isso ao longo de várias coisas. E, depois, é o imaginário: e se eu desconstruir este corpo? Então são esses questionamentos que o “Só Belo” traz muito.

**Algo que me interessa muito no seu projecto artístico é você enfrentar os legados coloniais na sociedade angolana actual. E o que me despertou o interesse foi o uso da expressão “racismo do género”. E eu queria que você falasse um pouco mais sobre ela.**

Este conceito de racismo de género eu comecei a navegar com bell hooks e Grada Kilomba, muito honestamente. Claro, o entrelace entre a questão racial e género é também um exercício interseccional, num ideal de conseguirmos falar sobre o corpo de mulheres negras, em concreto a vulnerabilidade do corpo das mulheres negras. Este tema me atrai muito porque no caso de Angola, no caso de Luanda, essa vulnerabilidade é gritante. Eu tenho tentado navegar nisto com a noção da colonialidade de género. Nós precisamos perceber que houve um tempo histórico que foi a colonização, mas o colonialismo, ou a colonialidade, não acabou. Para muitas pessoas, falar sobre o racismo pode ser um pouco impossível, porque não vão conseguir associar o tema à nossa realidade, e podem dizer que porque nós somos uma maioria negra, não faz sentido nenhum falar nisso. Mas quando estamos a falar de racismo no contexto de Angola, nós estamos a falar exatamente que estes ideais coloniais de base continuam a existir, e continuam a ser alimentados por uma estrutura. E ao falarmos em racismo de género, a potencialidade é que nós conseguimos falar da questão do corpo das mulheres negras, trazer para o centro a existência e a vivência da mulher negra. Mas também a minha proposta de racismo de género é pensar também numa crítica da heteronormatividade, e o potencial continua por aí.

**O que me intriga nessa questão é que quando nós falamos de colonialidade, nós estamos a falar de uma estrutura global, uma estrutura enraizada em uma história. E claramente há um grande potencial em questionar os efeitos, os legados, dessa estrutura. Mas ao mesmo tempo pode ser um pouco frustrante, no sentido de como é que nós podemos encontrar alternativas a essa colonialidade? Como é que você tem navegado essa questão?**

Como tu dizes, a colonialidade nos dá o potencial de pensar o global. E eu acho que é aí que a frustração começa. Quando nós começamos a ver como é que as várias colonialidades - a de ser, da natureza, de género - se entrelaçam umas com as outras para alimentar a maquinaria toda. Eu não sei como podemos, então, pensar em alternativas. Mas neste momento eu tenho dois questionamentos muito grandes. Primeiro, nós estamos em um estado de constante sobrevivência. E eu me pergunto: como é que nós podemos sair desse lugar de sobrevivência, e passamos a viver? E quando eu estou a dizer viver, eu estou a dizer viver numa plenitude de conseguir estar mental, emocional, e economicamente bem. A segunda pergunta é como é que, então - se nós sabemos que a potencialidade de luta contra a sobrevivência é trabalharmos pela vivência - como é que nós conseguimos contornar toda a maquinaria da colonialidade para que esta vivência de facto aconteça? Para mim, são duas perguntas que vão continuar a existir, porque essas duas perguntas fazem parte, obviamente, do processo da descolonização. E a mim elas me remetem a uma análise muito profunda sobre quando é que nós paramos e conseguimos determinar o que é realmente viver para nós. Eu acho o “Só Belo” é esse exercício de querer saber como é que eu vivo. E por isso, não, não tenho uma resposta (*Risos*).

**Bom, imagino que ninguém tenha a resposta (*Risos*). Mas Pamina, para concluir, eu queria pedir que você deixasse se calhar algumas palavras de encorajamento para uma nova geração de ativistas, de artistas LGBTIQ, que estejam a lutar para encontrar esse espaço de fala, para encontrar esse caminho, não é? Que estejam a navegar estas questões todas que você discute. Hoje, olhando para trás, olhando para essa sua trajetória, o que você diria?**

Eu acho que é um caminho bem difícil, mas acho que o fazer o caminho através da arte nos cria um potencial muito grande de pensar inclusivo, sobre outras formas de sociedade. E digo aqui a arte porque é um meio que honestamente tem me salvo, mas acredito que várias outras pessoas estão a utilizar outros meios, e estão a fazer esse caminho. Respondendo, eu não tenho nenhum conselho. A única coisa que eu acho é que as pessoas têm que fazer o caminho. E no caminho, tu vais encontrando o que individualmente te pode ajudar a continuar. A mim, a arte tem me ajudado profundamente. Mas eu acho que as pessoas vão em caminhos diferentes, e o belo também é isso. Desde que estejamos todos a fazer o caminho, vamos chegar lá todos, eventualmente, e vamos montar essa possível sociedade que nos permita então viver.

**Com essa mensagem nós terminamos mais uma conversa. Pamina, muito obrigado por falar conosco, adorei a conversa.**

Obrigade pelo convite.